

HEMETERIO ARANTES

Frei Agostinho da Cruz

Notas á margem d'uma
Historia dos Quinhentistas



1909

Livraria Editora

GUIMARÃES & C.^a

68, Rua de S. Roque, 70

LISBOA

F. Rozmeira Penna.

Frei Agostinho da Cruz

HEMETERIO ARANTES

Frei Agostinho da Cruz

Notas á margem d'uma
Historia dos Quinhentistas



1909

Livraria Editora

GUIMARÃES & C.^a

68, Rua de S. Roque, 70

LISBOA

853

D'este opusculo fez-se uma tiragem especial em papel
Whatman de seis exemplares, numerados e rubricados
pelo auctor.

DUAS PALAVRAS

...nem me empenho em implorar ao Leitor benevolencias, nem a tratallo com caricias; só digo que julgue como quizer, porque se for benevolo, a inclinação lhe fará relevar as faltas que encontrar; e se fôr malevolo, por maiores meiguices, que lhe faça, sempre mostrará o animo rebelde aos disfarces, e he gastar o tempo debalde em o invocar propicio.

(*Fr. Antonio da Piedade*, no prologo da sua «*Chronica da Provincia de St.^a Maria da Arrabida*»).

Na sua «*Historia dos Quinhentistas*», o sr. Dr. Theophilo Braga consagra, como de justiça, um capitulo á individualidade poetica do frade arrabido Frei Agostinho da Cruz — no mundo, Agostinho Pimenta — irmão de Diogo Bernardes.

Não sei se, em toda a vasta obra do insigne Professor, será facil encontrar capitulo que, como este, mais preste o flanco aos dardos d'uma critica entre severa e sorridente.

E isto porque, sendo o capitulo pequeno — uma duzia de paginas escassas — as inexactidões historicas e as affirmativas exegeticas de pura phantasia tantas são que resaltam ferteis e patentes ao olhar pasmado do menos lido em materia litteraria.

O illustre e operoso escriptor, tão digno da incondicional admiração de todos nós pela capacidade assombrosa de trabalho de que conseguiu dispôr durante um periodo já largo — e que eu quizera vêr ainda prolongado por dilatados annos — foi d'uma infelicidade grande na maioria dos casos sobre que applicou a lupa da sua, aliás, vastissima intelligencia e variadissimo saber.

Occupou-se das decantadas Cartas de Egas Moniz Coelho?! Errou-lhes o significado litteral.

Escreveu uma Historia dos Palacianos?! Creou um *mare-magnum* de collisões insanaveis.

Tentou decifrar os anagrammas da Menina e

Moça?! Conseguiu dar-nos uma versão tão phantastica (embora de grande brilhantismo) como a primitiva, aquella de que Garrett se aproveitou, como aliás estava no seu direito, para obter uma situação dramatica.

Resolve fallar de Chrisfal?! Em 1872 descobre-o no Cancioneiro de Resende, sob nome d'outrem; mais tarde, em 1897, tira-o da mesma collecção poetica, como pobretão; e, agora, depois do apparecimento d'um livro recente (1), approxima-o de nós 40 annos com uma inaudita sem-cerimonia.

Quanto a Gil Vicente, o fundador do theatro portuguez, foi lavrante da Rainha D. Leonor, deixou temporariamente de o ser e torna, hoje, a sel-o.

Camões e Garrett estão refundidos; mas é de esperar que não definitivamente...

(1) Delfim Guimarães: *Bernardim Ribeiro (O Poeta Crisfal)*.

Os perfis bio-bibliographicos de Herculano e de Castilho permanecem na Historia do Romantismo: um, apoucado; outro revoltantemente desfeito, sob um amontoado d'injustiças que de nenhuma fôrma honra o seu Auctor.

Deixemos o que vem de Castilho para cá... Mas, perguntar-me-hão, será censuravel errar e corrigir-se?

Não é.

O que é censuravel, o que é inadmissivel, mais como symptoma, como orientação espiri- tual que como facto concreto, é que estas *étapes* exegeticas, sobre uma mesma pessoa ou aconte- cimento, vêm sempre authenticadas com o fe- roz dogmatismo que não deixa logar a duvidas.

Um exemplo, entre muitos, corrobora esta asserção.

Em 1872, o sr. Dr. Theophilo Braga publica o seu «Bernardim Ribeiro e os Bucolistas». A paginas 142, lêem-se estes periodos:

«Podemos dizer, que o seu (*de Christovam*

«Falcão) periodo de actividade litteraria e sentimental, pela amisade com Bernardim Ribeiro e pela influencia que entre si mutuamente exerceram, se circunscreve entre 1516 e 1527

«.....

«A vida de Christovam Falcão era absolutamente desconhecida, e fôra quasi impossivel reconstruil-a, ignorando os processos inductivos da critica moderna; tentámos esse grande esforço de lutar com a obscuridade do passado, quando publicámos a ultima edição das suas obras, em 1871. Hoje temos novos subsidios, que vem **autenticar com a realidade historica** o que ha um anno tinha apenas a verdade logica».

Não deixa de ser fresca a *realidade historica!*

Não duvidando, nem por um momento, da absoluta sinceridade com que o illustre Mestre produz affirmações d'esta natureza, não querendo, por outro lado, pôr em menos conta os

processos inductivos da critica moderna, n'uma palavra: tendo em alto apreço as suas consciencia e sciencia, qual será a causal psychica guiadora da penna d'este Historiador da nossa mentalidade por caminhos tão historicamente invios, por becos tão philosophicamente sem sahida?!

Penso ter descoberto, no conceito d'um grande psychologo da actualidade, esta causal, por tantos titulos lamentavel, que vem a ser (e vae no proprio original para não soffrer qualquer jarsa na sua fórmula diamantina): *ce défaut des esprits généralisateurs qui ne vérifient jamais qu'à demi les données sur lesquelles ils spéculent. Les faits ne sont pour eux qu'une matière à exploitation theorique, et ils les déforment volontiers pour mieux échafauder leurs systèmes* (1).

O sr. Dr. Theophilo Braga é, antes de mais

(1) Paul Bourget: *Le Disciple* (1889) pag. 63.

nada, um intransigente sectarista politico-religioso. Tudo quanto facil ou difficilmente corra para *manipular* este *systema* tudo lhe serve, embora seja necessario *deformar os factos*, porque, para o *espirito generalisador*, não são mais do que *materia a explorar*.

D'esta tyranica intransigencia de *systema* decorre naturalmente, como a *lympa* da rocha, um *summo desdem* pelo trabalho alheio que lembre vagamente a *pontoada iconoclasta*.

Este *desdem*, mais ou menos habitualmente inoffensivo, toma uma feição perigosa quando — sciente da grande massa de ignorantes e de indifferentes a que se dirige — pontifica, como *Historia verdadeira, verdadeiras historias... da carochinha*.

As poucas e desalinhas paginas que vão lêr-se intentam destruir uma serie de asserções que a «*Historia dos Quinhentistas*» produz e que certamente (que eu saiba) ainda ninguem rebateu, porque a *personagem litteraria*, que

lhes deu causa, não tem a supremacia intellectual ou social de muitas das suas companheiras do seculo de quinhentos.

Fr. Agostinho da Cruz, embora bom poeta, não póde hombraear com Bernardim Ribeiro, Gil Vicente, Sá de Miranda, Antonio Ferreira, Diogo Bernardes, nem mesmo, quanto ao papel que desempenhou na historia do seu tempo, com o proprio Caminha.

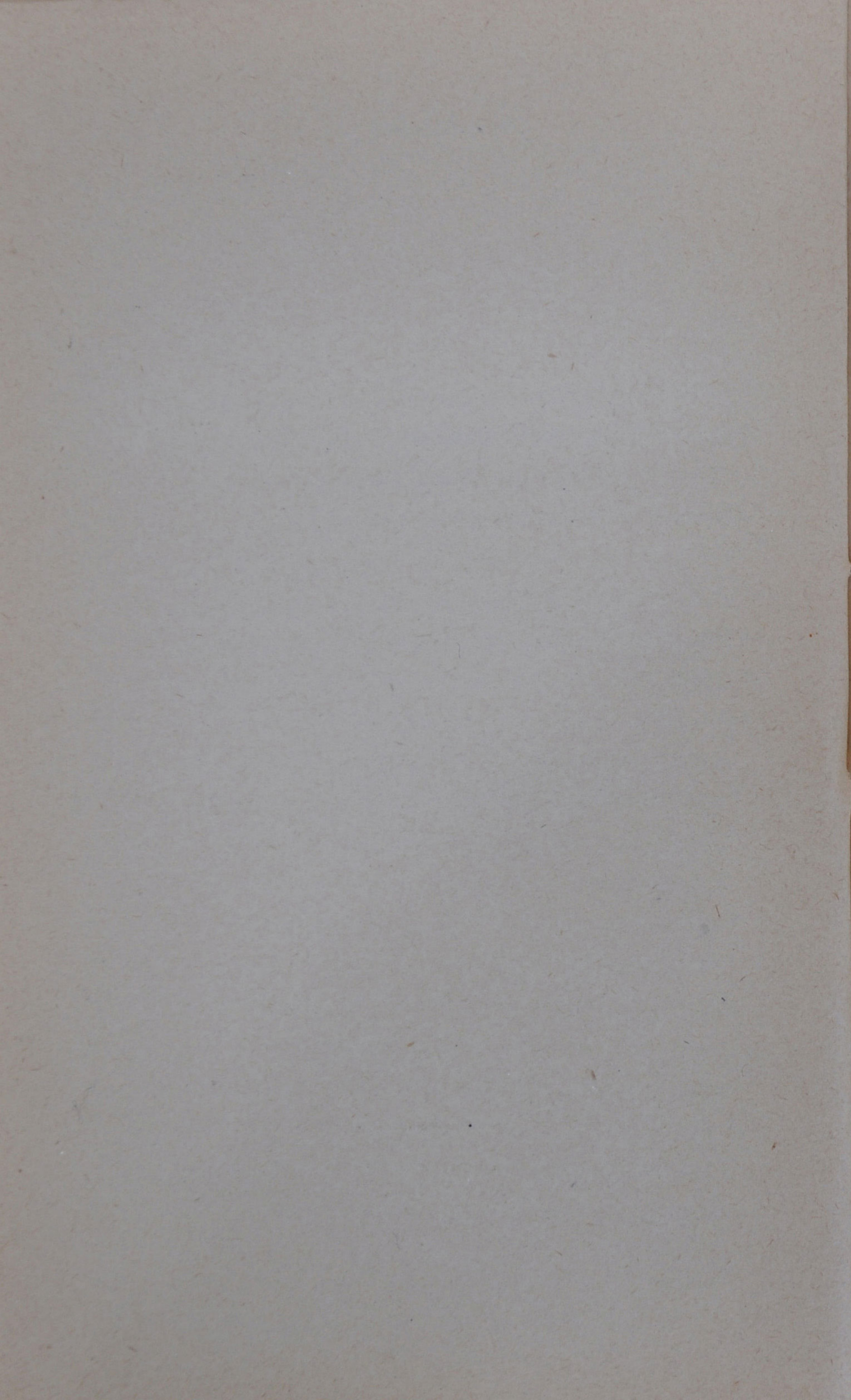
Este estudo, pois, longe de pretender resolver qualquer problema de historia litteraria, d'um interesse manifesto, visa tão sómente a annotar os processos exegeticos empregados pelo summo-sacerdote da Litteratura, como sciencia, em Portugal, para obter as novidades que nos proporciona sobre o veneravel Capucho da Arrabida, e isto no intuito de subsidiar qualquer trabalho que outrem, com meritos que não possuo, intente produzir.

Não sei se o meu arrazoado incommodará de qualquer modo aquelles que *definiram* o illustre

Sabedor *infallivel*, n'umas bullas assignadas pela mais incommensuravel das ignorancias posta ao serviço do mais tediento dos sectarismos. Prefiro, porém, não merecer á consciencia do grande Agitador de Ideias, que é o sr. Dr. Theophilo Braga, aquella repulsa desdenhosa e suprema com que ella decerto mimo-seia os seus plutarchos de pé fresco e craneo-vasio, que... nunca o leram.

Lisboa, 2 de Janeiro de 1909

H. A.



I

A naturalidade do Poeta

«Nasceu em Ponte do Lima.

«Mesquita dá-o por natural da Ponte da Barca, o que é inadmissivel, como se vê pela biographia de Bernardes». (*Historia dos Quinhentistas*, pag. 311).

Pela biographia de Diogo Bernardes, publicada a paginas 244 da citada obra, vê se que o sr. Dr. Theophilo Braga *tem razões para crêr* que o auctor das *Varias rimas ao Bom Jesus* e de *O Lyra* é natural de Ponte do Lima; mas nem uma palavra se encontra d'onde se deprehenda a inilludivel *necessidade* de que seu irmão Agostinho Pimenta ali tenha nascido — a não ser que queiramos assentar, como *principio* certo, que todos os filhos d'um mesmo casal nascem invariavelmente n'uma mesma localidade.

Mas, no caso presente, nem até uma *presumpção* provavel é licito admittir, e que é sempre de acatar quando faltem outros elementos

de prova. Ora esses elementos não faltam, antes, se quizessemos empregar o criterio do insigne Professor, teriamos de concluir que Diogo Bernardes é de Ponte da Barca por seu irmão Agostinho ter nascido n'esta terra.

Ouçamos o sr. Dr. Theophilo Braga :

«Não tem sido possível determinar o anno do seu (de Diogo Bernardes) nascimento; porém, sabendo-se que seu irmão Frei Agostinho da Cruz era mais novo e que nasceu em 1540, é certo que nasceria não muitos annos antes d'esta data». (Ob. cit., pag. 245).

Quem foi que nos disse ter nascido Agostinho Pimenta em 1540?!

«...sabem-se as datas da sua vida por terem sido conservadas no obituario do Convento da Arrabida, d'onde em 1771 as recolheu o professor José Caetano de Mesquita». (Ob. cit., pag. 311).

Vê-se que uma mesma auctoridade — um mesmo Mesquita — serve para determinar uns pontos e não para authenticar outros: pontos concretos, factos, e não meras apreciações criticas, sempre contestaveis.

Succede, porém, que a *Vida do Veneravel Padre Frei Agostinho da Cruz*, escripta por José Caetano de Mesquita, com que abre o volume das *Varias Poesias* do frade arrabido, não é mais que uma copia resumida, mas fidelissima, do que o *Espelho de Penitentes, Chronica da*

Provincia de Santa Maria da Arrabida, encerra nos seus capitulos XVIII, XIX e XX, Parte I, Livro V.

Na dita chronica e § 1170 lê-se :

«Nasceu (Frei Agostinho da Cruz) na Villa da Ponte da Barca, no Arcebispado de Braga, «limitada povoação de poucos visinhos, estimada, «porém, pela sua fecundidade».

E' claro e terminante. Agostinho Pimenta (em religião: Frei Agostinho da Cruz) nasceu em Ponte da Barca.

Dil-o um seu biographo, que é, ao mesmo tempo, o historiador d'uma inteira ordem monastica e cuja auctoridade, longe de ser posta em duvida, vae até ao ponto de determinar, com plausibilidade incontestada, o periodo em que póde oscillar a data do nascimento d'alguem que não fazia parte da ordem.

Comprehende-se o escrupulo que presidia á elaboração do cadastro da população monastica, n'um paiz, como o nosso, onde o claustro era, por assim dizer, uma *carreira* que seguiam certos filhos-familia, como outros se destinavam ao encabeçamento dos morgadios, ao militarismo, á magistratura.

Os *chronicons* claustraes, em materia de facto —datas, filiações, naturalidades—constituíram sempre os melhores subsidios para a nossa historia civil.

No caso que occupa a nossa attenção, parece

que o chronista providencialmente teve a intuitiva suspeita de que lhe puzessem em duvida a affirmativa e, d'ahi, o pormenorisa-a com escusada erudição topographica — *limitada povoação de poucos visinhos...*

E fez bem o chronista, porque, se em 1728 (data em que publicou o *Espelho de Penitentes*) achava necessario accentuar a pequenez demographica da naturalidade do seu biographado, que menor importancia ainda teria a mesma terra em meados do seculo XVI?!

E esta consideração abre no meu espirito a clareira explicativa do contestavel valor do principal argumento, apresentado por aquelles que dizem Diogo Bernardes natural de Ponte do Lima.

Esse argumento é como segue :

«Nasceu Diogo Bernardes em Ponte do Lima, como elle o declara no titulo das *Varias Rimas ao Bom Jesus*, impressas em sua vida, em «Lisboa». (1)

Antes de mais nada : «como elle o declara» é uma affirmação gratuita ; para ficar certo, devia dizer-se «como se lê».

Ninguem nos diz que elle tivesse revisto a sua obra, nem que lhe tivesse dictado o frontispicio. Não me repugna, no entanto, acreditar que o poeta tivesse consentido em que lhe

(1) *Hist. dos Quinhentistas*, pag. 244.

fosse dada a naturalidade de Ponte do Lima, e isto para obedecer á natural e eterna *lei do menor esforço*.

A qual de nós não acontece, ainda hoje, dar-se por natural da povoação mais importante do seu termo — a cabeça do seu concelho, por ex: — afim de evitar perguntas que demandam respostas prolixas sobre a topographia do logarejo que lhe foi berço?!

Accresce que, com Bernardes, se dava a circumstancia de ser o cantor, digamos official, do Lima e este formoso e decantado rio alastrar-se, na sua maxima expressão poetica, pela paradisiaca estancia, historicamente celebrada, que é Ponte do Lima.

Estas considerações, porém, seriam inanes em absoluto e poderiam mesmo attribuir a Bernardes propositos de mistificação (occultando a humildade da terra que o viu nascer), se elle proprio, em documento dirigido *a pessoa lettrada*, não o datasse de Ponte da Barca (1).

Quer dizer: em 1574 (data do documento em questão) Bernardes vivia, para me servir das expressões do sr. Brito Rebello, *no fundo do seu modesto retiro da Ponte da Barca*.

(1) *Archivo Historico Portuguez*, vol. I, n.º 5: Carta de Diogo Bernardes a Antonio de Castilho, existente na Torre do Tombo e publicada n'aquella interessante revista pelo sr. Brito Rebello.

Claramente, este facto, *por si só*, não induz a assentar que ali tivesse nascido; mas, se o conjugarmos com a noticia da naturalidade de Agostinho Pimenta, que nos fornece a Chronica da Arrabida, e com a silenciosa pobreza que, n'este ponto, incide sobre a vida de Bernardes, o que é *racional* que se conclua?!

Que o modesto retiro da Ponte da Barca era o local do seu nascimento.

Mas, ao menos para mim, documento d'uma eloquencia que não póde admittir facilmente duvidas é a Ecloga II de Diogo Bernardes, intitulada *Flora*. Limiano, o poeta, conta:

N'um solitario valle, fresco, e verde,
Onde com veyta doce, e vagarosa
O Vez no Lyma entrando, o nome perde
.....

Vi Tirse, e Melibeu, que na verdura
Antre bastos salgueiros escondidos
Choravão duras magoas com brandura,

Nesta nossa ribeira ambos nascidos,
Mas como pouco n'ella conversarão,
Eram mais na do Tejo conhecidos.

Em moços forão lá, lá se criarão
Com outros de mór nome, mór estima,
De tanger, de cantar fama cobrarão.

E' transparente a significação dos crypto-

grammas *Tirse* e *Melibeu*⁽¹⁾, por se ajustarem á realidade historica das vidas de Diogo Bernardes e Agostinho Pimenta.

Como é sabido, este ultimo, apenas principiava a contar os annos da puericia, o accommodarão seus pays no serviço do Infante D. Duarte, filho do Infante D. Duarte, e da Senhora Dona Isabel...⁽²⁾ e seu irmão Diogo Bernardes, ou o acompanhou, ou veio para Lisboa pouco depois; em todo o caso, conversarão pouco na ribeira natal, pois que em moços a deixaram.

Mas, na ribeira do Tejo, com outros de mór nome, mór estima, isto é: com Caminha, Ferreira, o Duque de Aveiro Dom Alvaro de Alencastro, o Duque de Torres Novas e todos os demais fidalgos que frequentavam a casa de Dom Duarte, de tanger, de cantar fama cobrarão.

Não póde haver duas interpretações.

Vejamos, agora, como *Limiano* descreve a terra da naturalidade dos dois poetas. E' no local onde

O Vez no Lyma entrando, o nome perde.

E', portanto, na foz do Vez.

(1) *Melibeu* é uma variante de *Limabeu*, cryptonymo empregado por Frei Agostinho Pimenta nas suas *Eclo-gas*.

(2) *Chronica da Provincia da Arrabida*, Parte I, § 1170.

Basta consultar um simples mapa de Portugal para se vêr que é justamente no termo da Ponte da Barca que se dá essa junccção.

Resumindo: Frei Agostinho da Cruz — porque só d'elle n'estas paginas me occupo — nasceu em Ponte da Barca, ou cercanias, como nol-o dizem a chronica da sua ordem e uma ecloga de seu irmão, o suavissimo poeta Diogo Bernardes.

II

A iniciação claustral

«Poeta e dotado d'uma bondade de
«criança, Agostinho Pimenta tinha de
«obedecer fatalmente ás causas que o
«precipitavam no languor mystico; a In-
«fanta D. Isabel mãe de D. Duarte não
«era menos fanatica do que seu marido;
«conhece se isto pela Vida do Infante
«que mandou escrever ao Mestre André
«de Resende. Este livro milagreiro e
«quasi insensato devia ser lido pelo ima-
«ginoso provinciano.

.....
«O sincero e impressionavel Agostinho
«Pimenta maravilhava-se com as préga-
«ções de Frei Jacome e, allucinado por
«ellas, apresentou-se á Duquesa, padroei-
«ra do convento de Santa Catharina de
«Ribamar, pedindo o habito de capucho.
«Frei Jacome tambem pediu licença á
«Duqueza, e Agostinho tomou o habito

«a 3 de maio de 1560, indo passar o no-
«viciado no convento de Santa Cruz da
«Serra de Cintra.

«Era triste ver uma creança de vinte
«annos annular uma vida ridente e preci-
«pitar se no vacuo. Comprehendendo-se
«esta barbaridade, é que se conhece quão
«verdadeiros são estes versos de seu ir-
«mão Diogo Bernardes, escriptos depois
«de tomar o habito, e em que se queixa
«de não lhe haver communicado a sua
«resolução :

«Em que te mereci, oh Agostinho
«Que n'esta escura selva me deixasses,
«Tomando para ti melhor caminho?

«Em que te mereci que me negasses
«Teu pensamento bom, teu bom desejo,
«Primeiro que do mundo te apartasses?

«Agora sinto, irmão, agora vejo
«Que tinhas pouco amor para comigo,
«Sendo para contigo o meu sobejo».

(*Hist. dos Quinh.*, pag. 313-314)

Entre as causas que levaram Agostinho Pi-
menta a abraçar a vida religiosa, aponta o sr.
Dr. Theophilo Braga a leitura do livro mila-
greiro e quasi insensato *Vida do Infante D.*
Duarte, escripto por André de Resende.

Este pendor de descobrir determinantes que

nos agradem, que vão nas aguas da nossa orientação sectarista, interna por vezes os sinceros historiographos nos mais ingenuos anachronismos.

Agostinho Pimenta entrou em religião no anno de 1560.

A *Vida do Infante D. Duarte* foi tecida alguns annos depois.

E' o proprio sr. Dr. Theophilo Braga quem nol-o diz, n'algumas paginas atraz da mesmíssima *Historia dos Quinhentistas*.

«Andava por este tempo, em 1565, o sapientissimo Damião de Goes escrevendo a *Chronica de D. Manuel*; querendo incidentalmente «falar do Infante D. Duarte, pae d'aquelle de «quem Caminha era camareiro, dirigiu-se a este «poeta, que estava nos paços da Ribeira, para «que obtivesse da viuva Infanta D. Isabel, as «informações precisas. Dona Isabel havia já «mandado a Damião de Goes as informações «milagreiras e as anedotas cheias de puerilidades com que **depois** ⁽¹⁾ mestre André de Re-

(1) Realmente. só depois de 1565 (isto é, quando já havia 5 annos que Agostinho Pimenta tomára o habito) é que a *Vida do Infante D. Duarte* foi escripta pelo Padre Mestre André de Resende. E' certo que nem Barbosa Machado dá qualquer noticia, na sua *Bibliotheca*, ácerca da data do manuscripto que viu, nem a Academia Real das Sciencias, na edição typographica de 1789, se refere, no Prologo de Correia da Serra, a este as-

«sende teceu a *Vida do Infante D. Duarte*». (Historia dos Quinh., pag. 231).

Como é, pois, que, em qualquer resolução d'um imaginoso provinciano do anno de 1560, pôde influir a leitura d'um trabalho dado á estampa manuscripta bastantes annos depois?!

Supremo mysterio para os que ignoram os *processos inductivos da critica moderna!*

Quanto á causa procedente do fanatismo de D. Isabel, estou em dizer que esse fanatismo não era tão cego que, para deixar que Agostinho Pimenta se precipitasse no *languor mystico*, não carecesse, pelo menos, de duas investidas: a do pretendente á clausura e a do provincial Frei Jacome.

Abstrahindo completamente da consideração historica sobre o *espírito da epocha*, de todos conhecido, e que então influia nas almas, levando-as para o mysticismo christão, como, outr'ora, as levára para o paganismo idolatra e, hoje, as leva para o nihilismo religioso, não haveria

sumpto. Mas, no cap. xx da obrinha do insigne antiquario, ha referencia á partida de Lisboa da Infanta D. Maria, filha do biographado, no mez de Setembro de 1565, para se juntar, como é sabido, a seu noivo, o Duque de Parma.

Sobre este casamento, lembrarei um capitulo interessantissimo dos *Embrechados*, do sr. Conde de Sabugosa, intitulado: *Nupcias de Alexandre Farnesio e de Maria de Portugal*.

causas pessoaes, *humanas*, independentes do *meio* moral, que tivessem influido em Agostinho Pimenta para a abrupta resolução de abandonar uma vida, que se nos antolha, como ao tempo a todos se patenteava, tramada de commodos n'uma urdidura de considerações sociaes?!

O sr. Dr. Theophilo Braga attribue aos versos de Diogo Bernardes o significado da lastima do poeta por ver seu irmão precipitar-se no *vacuo*!

Quem alguma vez leu a *Carta VIII «Ao P. Frei Agostinho da Cruz meu irmão, quando tomou o habito»* não póde concluir senão pela inversa do que o insigne Professor conclue. E, coisa curiosa, até dos tercetos transcriptos não podem resaltar duas interpretações!

Essa *barbaridade* e esse *vacuo* eram, para Diogo Bernardes, o *melhor caminho...*; elle, apenas, lamēnta que o irmão dilecto lhe tivesse negado o seu *pensamento bom*, o seu *bom desejo*.

E toda a carta VIII se decalca no mesmo sentimento:

Perdoa, se t'agravo no que digo,
Não te posso negar que sou humano,
E que da natureza a regra sigo,

Faz, n'esta parte, a *dôr á razão danno*,
Não me deixa cuidar *quanto acertaste*,
E como *tudo o mais he puro engano*.

Se tu soubesses lá qual me deixaste,
 Não digo eu que t'arrependerias
 (Que nunca do *bem* feito atraz tornáste)

Digo que magoado ficarias
 Em responder tão mal a amor tamanho
 Que sempre em mi creceo igual cos dias.

De mim (sendo outro tu) fizeste estranho:
 Temeste que t'empedisse com meu rogo
 Aventurar tam pouco a tanto ganho.

Temeste que esfriasse o novo fogo
 Em que se converteo *outro*, em que ardeste.
 De que tambem soubeste fazer jogo.

Enganaste-te a ti se tal temeste,
 Que por nenhuma via t'estorvára
 De conseguir a vida qu'escolheste.

*Antes tenção tão boa te louvara
 Outras razões ás tuas ajuntando,
 Com que nella inda mais te confirmara.*

Mas fora tal sabendo, costumando,
 Pouco a pouco minh'alma á dor que sente
 Tu mesmo ante mão me consolando.

E' d'uma clareza *crystallina*, só comparavel
 á delicada sensibilidade que ressuma por não
 ter sido prevenido da heroica resolução, porque

...fôra, tal sabendo, costumando,
 Pouco a pouco minh'alma á dor que sente
 Tu mesmo ante mão me consolando...

III

O languor mystico

Eu tenho, sobre o character poetico de Frei Agostinho da Cruz, uma opinião diversa da que commumente corre e que o dá como um lidimo representante do mysticismo amoroso, entre nós.

Certamente que compoz grande copia de versos mysticos, onde, em themas sentidos, raramente arrebatados e ainda menos arrebatadores, canta o amor divino. Elle não tinha n'alma a aguia, o genio da poesia de Santa Theresa, de Francisco de Assis, de Frei João da Cruz a dictar-lhe a estrophe candente, coruscante, em que a alma, desprendida da realidade, se ala ás alturas inaccessiveis em que cantam os illuminados.

O sr. Dr. Theophilo Braga, nos seus «Estudos da Edade Media», diz-nos isto mesmo: *Agostinho é o poeta da penitencia, cada verso é um gemido de mortificação* (pag. 170).

Poeta da penitencia, sim, mas d'uma penitencia *sui generis*.

Elle não tem, como os grandes penitentes, o horror instinctivo do mundo, dos seus enganos, das suas traições, do seu peccado — porque é sabido que muitos e muitos penitentes d'elle fugiram, quasi sem o terem conhecido, quasi instinctivamente; — pelo contrario, Frei Agostinho da Cruz odeia-o e fugiu-lhe, porque o mundo o aggravou e lançou-se nos braços de uma ordem monastica, desilludido, como o naufrago se a garra a uma taboa de salvação.

Nem outra cousa era natural que succedesse a um mancebo de 20 annos, talentoso, achemado a boa sombra, com um largo e ridente futuro deante de si. N'um dado momento, atirar para detraz das costas com todas estas vantagens e embrenhar-se n'uma selva inhospita, só n'um facto ingente e decisivo póde ter explicação.

Mas de que valem inducções *a ratiõne*, quando ha elementos de sobra, nos seus escriptos, para se concluir isto mesmo?!

A citada carta VIII, de Diogo Bernardes, dá-nos a perceber a *necessidade* de entrar em religião ou, melhor, abandonar a vida que levava.

Temeste que esfriasse o novo fogo
Em que se converteu *outro*, em que ardeste,
De que tambem soubeste fazer jogo.

Antes tenção tão boa te louvára
Outras razões ás tuas ajuntando,
Com que n'ella inda mais te confirmára.

A profissão religiosa, provocada por acontecimentos alheios á *vocação* (que elle teria ou, mais naturalmente, não tinha) não era de molde a produzir a atmospherá subtil onde se erguem os vôos estonteantes do mysticismo puro.

Encarado sob este ponto de vista, Frei Agostinho da Cruz adquire, para as almas rectas, um halo de veneração maxima, porque arrastou nobremente, intemeratamente, durante 59 annos, uma cruz feita de lagrimas, de privações, de arrependimentos, de martyrios moraes e materiaes — cruz que o arrebatamento dos 20 annos talhou na bronzea estructura do seu character.

Nós, volvidos quasi tres seculos e meio, mal podemos apreciar a grandeza d'estas supremas resoluções, que se cumpriam, embora corpo e alma ficassem esfarrapados nos espinhos da ladeira pedregosa... Precisamos de lhe ir buscar causaes á leitura de livros que não existiam e ao fanatismo das princezas da epocha...

Frei Agostinho da Cruz, na sua poesia mystica, longe de esquecer o mundo, compraz-se na individualisação de factos, de pessoas, de situações em que se encontrou e, d'ella, sobe, n'uma transição por vezes brusca, á estrophe laudatoria ou implorativa em honra da Divindade, dos seus santos, da vida monachal.

Dir-se-hia que fazia versos para mortificar a memoria e a sensibilidade com a evocação d'um

mundo perdido para todo o sempre e que, depois, se elevava para a Belleza Eterna, n'uma ancia de não sossobrar, como alguém que se techasse n'um sacrario a fim de não commetter um sacrilegio.

.....
 Os dias mais fermosos amanhecem,
 Não para mim, que *sou quem d'antes era*
 Espanta-me o porvir, temo o passado
 A magoa choro d'um, d'outro a lembrança
 Sem ter já que esperar, nem que perder (1)

No soneto V, *A Nossa Senhora da Arrabida*, diz:

Pois me mostrou do mundo a falsidade
 Que a lagrimas comprei quem me vendia.

No soneto XIV, *A Jesus Crucificado*:

Culpado fui primeiro que nascido;
 Engeitei a razão pela vontade,
 Amiga do meu mal, do bem imiga.

E é este character profano-mystico que repassa quasi toda a sua obra, que a faz legivel sem enfado e d'onde amiude, mesmo, faisca o conceito alto que a torna a um tempo uma obra d'arte e uma obra de sentimento.

E' ler quasi todas as Eclogas, as Elegias e as Cartas. Não são threnos mysticos, ou, se o

(1) *Varias Poesias*, (1771) — Soneto II.

são, nascem quasi sempre d'um pedestal bem terrestre, banhado, ora pela ribeira do Lyma, ora pela do Tejo, de fórma que todos esses pedestaes reunidos constituem uma verdadeira auto-biographia, tão solidos, tão insistentemente concordes, tão vincados pelo escopro da Verdade se nos patenteiam.

«Sam Francisco de Assis para fallar da sua «paixão por Jesus, na odesinha inspirada pela «vertigem do amor divino, sem poder determi- «nar o ideal de sentimento tão mavioso, des- «creve uma lucta em que se mostra vencido, «ferido, abrazado»; (1) Agostinho da Cruz, longe de recorrer á imagem, a que uma esbrazeada phantasia dá vida, parte da realidade d'uma vida em que foi... victima.

Já me desenganou quem me enganava.

Mais foi a perda sua que meu damno,
Mas (como dizem) tudo tempo cura.

.....

Não tenho que fazer no povoado ;
A razão me conselha que me guarde ;
Eu não me atievo nelle andar guardado, etc (2)

E depois d'este *introito*, o pensamento mystico do Penitente :

Eu só, meu Redemptor, vos atormento, etc.

(1) *Estudos da Edade-Media*, pag. 169.

(2) *Ecloga* 1. A' sua conversão.

Na Ecloga II, *No anno do Noviciado*, os factos concretizam-se mais :

Eu, Mincio, não nasci para ter gosto . . .

 Acabaram-se as nossas alegrias ;
 Secarão-se os *altivos pensamentos* ;
 Quantas mudanças em tão poucos dias !

 D'um *novo*, não sei qual, *amor* ferido.

Na mesma Ecloga, Mincio, falando de Lima-beu (Frei Agostinho) pergunta :

Quem tal mudança fez tão repentina
 Dos seus, do seu, de si, de toda a vida ?
 Quem de cousa mundana fez divina ?

E a Ecloga termina :

Não ha manjar melhor que liberdade ;
 Sem ver, nem conversar mais que penedos,
 Que só amigos da minha saudade
 São firmes, e são mudos, não são *tredos*.

Não póde restar duvida de que Agostinho Pimenta abandonou o mundo por causa d'um amor infeliz e da guerra que, talvez por esse amor, lhe moveram.

A Ecloga IV, *Em que se queixa d'hum amigo*, é mais expressa.

Como em muitas outras, um dos interlocutores é *Mincio*, o que me leva a crer, dados os assumptos de que se occupa e a maneira de

falar, que se trata da figuração do irmão, Diogo Bernardes.

Fala Mincio :

Mas com tudo não deixo duvidar
Que nunca da ribeira te partiste
Sem algum bicho grande te ladrar

Responde Limabeu :

Que queres que te conte hum magoadado
Da setta, que atirou aquelle braço,
Do qual elle devera ser guardado?

.....
O que sinto d'aqui principalmente
He ver que me faltou agoa num rio
Tão claro (ao parecer) *alto* e corrente.

Quero morrer de fome, calma e frio
N'esta serra deserta onde não vejo
Quem cuida mal de mim, se zombo ou rio.

.....
Mal pudéra fugir de *tantas manhas,*
De tanto riso leve, contrafeito,
Se não viera dar nestas montanhas.

Eu não posso entender por que respeito
Me querem magoar ; mas o que entendo,
He que me fazem mal sem ter mal feito.

Cabras suas guardei, não me arrependo,
Assaz vingado estou ; porque bem sei
Quanto com *me perder* ficam perdendo

Aquelle de quem mais me confiei,
Aquelle por quem mais me desvelava
A coima, que não fiz, fez que paguei

*Bem mal me pareceu, mal suspeitava,
Que pudesse caber em peito humano
Cousa que nem por sonhos me lembrava, etc.*

Trata-se d'uma diffamação, produzida por um seu superior hierarchico :

Hum tamanho defeito de hum amigo
Que pastava comigo tão seguro !

.....
Se mal lhe parecia, bem podera
Dizer-me que não era gosto seu
Pascer o gado meu pela ribeira

.....
Então de mim, do gado se vingara,
E não *me difamara* com pastores
Que não conhecem flores penduradas
D'amizades fundadas nas divinas

.....
Pouco val a verdade dos *pequenos* !

.....
Ah quanto melhor fora padecer
Mil mortes, que não ver nossos visinhos
*Por tão tortos caminhos possuir,
Roubar e destruir honras e vidas !*

E, como de costume, conclue triturando todas estas queixas no gral da fé mais intensa, offerecendo-as em holocausto aos padecimentos de Jesus.

Mas, pondo de parte, e com saudade, o voluminho de versos do frade arrabido, publicado em 1771 pelo professor José Caetano de Mes-

quita, e recorrendo ás novas poesias que o notavel humanista sr. Dr. Mendes dos Remedios deu á estampa, ⁽¹⁾ que vêmos?!

Que os oito primeiros sonetos publicados, embora Frei Agostinho da Cruz tivesse escripto:

Os versos que cantei importunado
Da mocidade cega a quem seguia,
Queimei (como vergonha me pedia)
Chorando por haver tão mal cantado,

são versos d'amor profano, que qualquer lyrico não engeitaria, demais a mais eivados d'aquelle pessimismo, d'aquelle desanimo peculiar ao subjectivismo amoroso, e de que o soneto IV pôde servir de modelo:

Puz em tamanha altura o pensamento,
Que o perde já de vista a confiança.
Cansado de o seguir minha esperança
Parou em descobrir meu atrevimento.

Por elle mouro em aspero tormento,
Mas não cansará a fé, como não cansa,
Inda que o tempo faça outra mudança
De que eu deva ter mór sentimento.

Bem pode Amor cruel, se ha quem o mande,
Esta sombra da vida desfazer-me,
Seguindo seu costume deshumano

(1) *Archivo Bibliographico da Bibliotheca da Universidade de Coimbra*, a partir do n.º 3 — Março 1901, e continuando em varios outros numeros.

Só nunca poderá, por mais que ande,
Fazer que me arrependa de perder-me
Com pena, espanto, dôr, força ou engano.

Os restantes sete afinam pelo mesmo diapa-
são. Chega-se, porém, ao nono e começa a tran-
sição :

Vai-me gastando Amor n'um pensamento
que termina :

O peito *em vivas chammias convertido*
Emfim mostra meu mal, pois já conheço
Que nem dizer-se pode, nem ser crido.

O decimo, esse, é já francamente ascetico :

Graças vos dou, Senhor, que da *escura*
Noite e perigos d'ella me livrastes,
D'este dia ver a luz deixastes
A mim humilde vossa creatura.

Fazei que esta alma seja nelle pura
E limpa de peccado, pois a amastes,
E pera ma salvar do Ceo baxastes,
Tomando a carne nossa e a figura, etc.

Que parallelismo de character poetico entre a
obra que o sr. Dr. Mendes dos Remedios tem
dado a lume e o que me esforcei por demons-
trar existir nas peças soltas das antigas poesias
conhecidas !

Por tudo isto, afigura-se-me que Frei Agostinho da Cruz, como poeta mystico, tem um logar áparte no capitulo do lyrismo asce-tico.

A sua ascese poetica não se differencia da de seu irmão Diogo Bernardes, quando, captivo em Africa, compunha os cinco sonetos ás Cinco Chagas de Jesus. Um e outro eram vencidos, um e outro desilludidos: atiravam com a alma para o ceu, porque a terra lhes tinha sido ma-drasta.

O lyrismo portuguez, filho do platonismo que o Renascimento reimplantara na Italia, ao expirar do seculo XVI, dissolvia-se no mysti-cismo.

Era um caracter geral, que, até certo ponto, as desgraças da patria explicavam sobejamente, a pesar sobre a quasi totalidade dos poetas da epocha. Frei Agostinho da Cruz seguiu a cor-rente do seu tempo.

Padre e cenobita, a sua poesia, a distinguir-se da dos seus confrades, que se arreatavam á bem fornecida mangedoura do estrangeiro, é em parecer que a estamenha monastica reco-bria um poeta bem mundano:

Bem sei que cada um que diz na feira,
Como nella lhe vae...

exclama elle (Ecloga VII), com a prosaica, a cal-

culada independencia de quem se talhou na vida um caminho certo.

E esta pautada sensatez afigura-se me a antithese do *languor mystico*.

Quem, pondo de parte a obra integral d'um poeta, pretender descobrir-lhe o character e marcar-lhe o logar pela leitura d'uma ou muitas das suas composições, arrisca-se a tirar consequencias singulares.

Assim, quem inferir, sem conhecer mais nada da obra de João de Deus, d'estes versos :

Virgem Mãe do mesmo Deus,
Virgem filha do teu filho,
Não ha estrella de mais brilho
N'esses ceos !,

que o grande lyrico do *Campo de Flores* era um poeta mystico, concluirá erradamente.

A poesia mystica estreme tem uma origem e sobretudo uma expressão plastica diversissimas.

Os versos de Frei Agostinho da Cruz, embora religiosissimos, não eram inspirados por uma disposição espiritual tendendo constitucionalmente para o mysticismo, nem mesmo vinham da contemplação d'um mundo — massa amorpha e repellente de ignominias de toda a especie. Nada! Brotavam d'uma ferida funda e dolorosa que a lança do Amor e a lança da Diffamação rasgaram no seu peito de 20 annos

e que ficou aberta pelos restantes dias da sua vida terrena.

Languor mystico ! Diz o sr. Dr. Theophilo Braga. Não me parece. O cenobita da Arrabida fugia do mundo para... fugir de si proprio !

IV

Como se escreve a Historia

«Na ecloga VII, intitulada *Da mudança da Arrabida*, allude á partida do seu
«companheiro do ermo Frei Diogo dos
«Innocentes, mandado recolher ao mosteiro, por emulação dos frades, que exigiam o cumprimento da regra; Lima-beu, personificação de Frei Agostinho,
«fala com Mincio:

«Eu tenho para mim (segundo as queixas
«Que na mata do lobo me contaste)
«Que não sem causa agora a Serra deixas.

«As queixas contra o lobo referem-se
«á anedota de ter sido devorada pelas
«feras a cavalgadura que levava Frei
«Agostinho do seu convento para a capellinha da Serra».

(*Hist. dos Quinh.*, pag. 320)

Estes periodos desdobram-se, pelo menos, nas seguintes categoricas affirmações :

- 1.^a) Que na ecloga VIII (aliás VII) se allude á partida do seu companheiro do ermo, Frei Diogo dos Innocentes ;
- 2.^a) Que este Frei Diogo foi mandado recolher ao convento por intriga fradesca ;
- 3.^a) Que Limabeu (personificação de Frei Agostinho) diz a Mincio o terceto transcripto ;
- 4.^a) Que n'esse terceto ha queixas contra o lobo ;
- 5.^a) Que existe uma anecdotica explicando o caso das feras devorarem a cavalgada, montada de Frei Agostinho.

Vejamos se alguma d'estas affirmações tem longinquos vislumbres, quer de *verdade logica*, quer de *realidade historica*, ou, antes, se não fossem produzidas por pessoa de tão altos predicados, se não mereceriam com justiça o apodo de insigne apontado de facecias, para lhes não chamar coisa menos correctica.

1.^a

Na Ecloga VII, quem *se muda da Arrabida* não é Frei Diogo dos Innocentes ; mas, sim, o proprio Frei Agostinho da Cruz.

Quando me referir á 3.^a affirmação, fundamentarei mais largamente o meu assêrto que,

aliás, a simples leitura da Ecloga confirma sem sombra de duvida.

N'este momento, apenas importa accentuar que, antes da estação definitiva na Serra, que vae de 1605 a 1619, Frei Agostinho esteve na Arrabida temporariamente e por varias vezes

*Aqui torno outra vez, Virgem Maria,
Desenganado já, mais de verdade, etc. (1)*

.....

*Esta terceira vez que determino
(Se Vós assim tambem determinais)
Sem mudança fazer a sepultura, etc. (2)*

e que, indubitavelmente, a Ecloga se refere a uma d'essas vezes que teve de deixar a fragosa e inhospita montanha, que elle, espicaçado pela ascese, tinha absoluta reluctancia em abandonar.

2.^a

Frei Diogo dos Innocentes precedeu, na Arrabida, Frei Agostinho da Cruz, quando este ali se fixou definitivamente em 1605, ou, para melhor dizer, foi a ida para ali de Frei Diogo que facilitou ao lyrico poeta da Ponte da Barca o despacho tão anciosamente solicitado da sua fixação na Serra:

«Sentia-se de magoado o servo de Deus,

(1) Soneto v — *A Nossa Senhora da Arrabida.*

(2) Soneto xxii — *Ibidem.*

«vendo as suas petições escusadas; avaliava
 «porém, como entendido, as renitencias do Pro-
 «vincial, como crisol, para purificar mais os
 «quilates da sua resolução, e della não desis-
 «tiu. Empenhou-se nesse tempo na mesma per-
 «tenção o Veneravel Frei Diogo dos Innocen-
 «tes; e como todos o conhecião intratavel, e
 «austero, lhe outorgou o Provincial com facili-
 «dade o que pedia. Não pode Frei Agostinho
 «disfarçar a pena, que tinha em se lhe retardar
 «a posse do que tanto suspirava, e muito mais
 «vendo o outro preferido nella. Renunciou a
 «Guardiania, por lhe não servir de obstaculo,
 «e conhecendo que com suaves palavras se
 «abrandão coraçoes duros, dellas formava as
 «suas repetidas instancias, e conseguiu o des-
 «pacho que procurava». (1)

Não póde, pois, Frei Diogo, que, natural-
 mente, só na Arrabida travou relações com Frei
 Agostinho, ter qualquer representação na Eclo-
 ga VII.

Quanto a ter sido, Frei Diogo, mandado re-
 colher ao mosteiro *por emulação dos frades, que*
exigiam o cumprimento da regra, embora seja
 certo que, nos Capitulos da ordem, se discutia,
 por esse tempo, a necessidade d'uma reforma

(1) *Chronica da Provincia da Arrabida* — § 1174, pag. 926.

que internasse na clausura os solitarios espalhados pela Serra, a *Chronica da Provincia da Arrabida*, fonte limpida onde todos bebem esta facil erudição, é d'um informe completo:

«Ao servo de Deos Frei Diogo dos Innocentes, que no mesmo Ermo fazia companhia a Frey Agostinho, mudarão os Prelados, *attendendo aos grandes achaques que padecia*; e Fr. Agostinho magoado com esta ausencia, falando com a Imagem da Senhora da Memoria na sua Ermida, compoz os seguintes sonetos:

«Se vós me não deixaes, Senhora minha,
Seguro estou de nunca vos deixar,
«Porque se em mim não ha que segurar,
«Assegura-me ter-vos por visinha.

«Foyse-me o companheiro, que aqui tinha,
«*Enfermo sem poder mais aturar*,
«E pois doença, e morte hão de chegar
«Fazey que a morte chegue mais asinha, etc.» (1)

Penso não poderem formar-se duas opiniões discordes: o homem estava doente e por isso o Provincial o mandou para Alcobaça.

3.^a

A Ecloga VII é um dialogo entre *Limabeu* (personificação de Frei Agostinho da Cruz) e

(1) *Chronica da Provincia da Arrabida* — § 2189, pag. 940

Mincio, que eu, atraz, disse crer que personifica Diogo Bernardes.

Abramos um parenthesis :

Fundamenta-se a minha crença no facto de apparecer este *Mincio* em quatro das doze eclogas de Frei Agostinho da Cruz, versando assumptos intimos, relembrando tempos idos, projectos desfeitos de gloria, confidente dos aggravos soffridos, pelo capuchinho, na sua vida transitoria pela côrte, impondo-se, ora pelo carinho, ora pelo conselho.

Da leitura de cada um d'estes colloquios se arreigou, em mim, de mais em mais, o convencimento de que se trata da figuração de Diogo Bernardes no interlocutor *Mincio*; mas a *verdade logica* dá-m'a a Ecloga XII :

Fala *Mincio* :

Espera, porque foges, Limabeu?
Que não sou pescador do mar salgado,
Do doce Lima si, parceiro teu.

D'elle por ti me venho desterrado
Dando gritos por ti pelo deserto,
Perguntando por ti no povoado.

Limabeu responde-lhe :

Quero contigo só desencolher-me
.....
He verdade que fujo, não to nego,
De conversar a muitos; porque sei
Quão mal no gosto seu meu tempo emprego.

*Bem sabes quanto ri, quanto folguei
De cantar, e tanger; que graça tinha,
Quantas apostas fiz, quantas ganhei:*

e, a seguir a estas reminiscencias da descuidosa juventude:

*Dize-me que se fez de Limiana,
Que chorando ficou ó pé da Faia?*

Seria, pelo menos, indiscreto que qualquer frade se abrisse n'uma confidencia amorosa a outrem que não fosse da sua absoluta confiança e que não tivesse sido socio dos devaneios pastoraes pelos idyllicos campos do doce Lima. E quem poderia ter sido esse companheiro dedicado, que dá *gritos no deserto* por alguém que se amortalhou em vida no burel d'uma ordem seraphica?! Quem poderia ser esse *pescador*, não do mar salgado, do *doce Lima*, senão Diogo Bernardes?! Ou a Barca — *limitada povoação de poucos visinhos* — era tão fertil em crear poetas, que nos dê agora mais um, de que a Historia nem conserva o nome?!

Mesmo, se pretendesse aventar uma hypothese, que nada teria de arrojada, poderia concluir que a originaria escolha e provada repetição que o monge-poeta fez do pseudonymo *Mincio*, obedeceu ao proposito de n'elle encarnar, com devotada admiração, Diogo Bernardes.

De facto, que circumstancias poderiam influir na sua mente ou no seu coração para tal preferencia — sendo notorio que estas escolhas, longe de serem arbitrarias, tinham, em geral, o intuito de collocar uma mascara leve e transparente sobre o rosto dos *pastores*, que levavam seu gado ás collinas verdejantes ou inhospitas, e dos *pescadores*, que lançavam sua rede, ora nas claras aguas das doces *ribeiras*, ora no pelago torvo do *mar salgado*?!

Mincio é o nome d'um rio do norte da Italia, o qual, antes de se lançar no Pô, banha Mantua, patria de Virgilio.

Figurando-se Frei Agostinho da Cruz, nas suas eclogas, com um nome evidentemente tirado da sua *ribeira* natal, que figuração mais consentanea com o respeito, com a admiração que votava áquelle a quem chamava *Mestre* e a quem dizia :

Ah claro, e charo irmão, quem te cá désse
Com essa tua voz antre esta Serra
Que tão *altos conceitos* não perdesse ! (1)

do que este, que lembrava, a um tempo, o paiz d'onde viera a nova escola poetica, de que Bernardes era um dos mais illustres ornamentos, e a terra natal d'esse divino mantuano, que

(1) *Varias Poesias* — Carta I.

cultivára a ecloga, genero que Bernardes illustrava com tão notavel galhardia?!

Fechemos a digressão, que apenas póde ter uma importancia relativa para o assumpto de que se trata, servindo, no entanto, para confirmar a impossibilidade de, na Ecloga VII, se alludir á partida de Frei Diogo dos Innocentes, como pretende o Auctor da *Historia dos Quinhentistas*.

Na Ecloga VII, ao contrario do que diz o sr. Dr. Theophilo Braga, não é *Limabeu* quem dirige a palavra a *Mincio*; mas, sim, este áquelle. Verifica-se isto pelas iniciaes dos interlocutores, collocadas no começo de cada fala, como se póde ver no volume das *Varias Poesias* colligidas por Mesquita.

Ora, se é *Mincio* quem diz a *Limabeu*:

Eu tenho para mim

.....

Que não sem causa agora a Serra deixas,

é licito duvidar de que seja Frei Agostinho quem se ausentava da Arrabida?

E, sendo assim, que sombra de credito nos póde merecer a interpretação de toda a Ecloga, que, logo á nascença, vem pêca de tão insana-vel confusão?!

As queixas que na Mata do lobo me contaste não serão porventura aquellas de que trata a Eclo-

ga IV, *Em que se queixa de hum amigo*, e de que atraz, e propositadamente, ficam largos trechos transcriptos ?!

Quem reler essa Ecloga IV, em que o mesmo *Mincio* é interlocutor, comprehenderá facilmente quão judiciosa é a sua apprehensão sobre a volta de *Limabeu*, da Arrabida : *não sem causa agora a Serra deixas*.

Mas o insigne Professor do Curso Superior de Lettras preferiu outra interpretação...

4.^a*Queixas contra o lobo !!*

Para, do terceto transcripto, se inferir semelhante affirmação, foi necessario, pelo menos, collocar entre duas virgulas as palavras *na mata* e, ainda assim, a despeito de todas as liberdades poeticas, não faz sentido.

A gente *queixa-se de* ou *contra* alguem ; mas, quando *conta* queixas *de* alguem (e seria este o caso), não é quem as conta queixoso, mas simples chronista.

Assim, *contar queixas do lobo* é simplesmente referir os aggravos que o animal nos disse ter recebido d'outrem. A peça poetica de Frei Agostinho da Cruz, de ecloga, que é, passaria a ser apologo — uma fabulazinha similar ás de Phedro ou Lafontaine.

A historia, porém, é outra. A serra da Arra-

bida é um tracto de terreno bastante vasto para carecer de pontos de referencia topographicos, orientadores de quem quer que por ali vivesse ou transitasse.

A *Mata do lobo* é, ou era, um d'esses pontos. (1) Se o preclaro Auctor da *Historia dos Quinhentistas* tivesse reparado em que, no original da edição de 1771, a palavra «mata» está escripta com maiuscula, decerto não teria forçado uma nota... tão desafinada.

Mas era preciso arranjar feras devoradoras d'uma imaginaria montada...

5.^a

A anecdotica explicativa:

«Todos os dias ás horas de jantar, e em alguns tambem de tarde, não se descuidavam

(1) Por amabilissima interferencia do sr. Cons.^o Montufar Barreiros, devo ao sr. Frederico Fernandes — ha longos annos residente na Arrabida — noticia da existencia ali (no caminho que vae de Azeitão para o Convento) da Fonte do Lobo. Não longe, e passando pela Cadeira de S. Pedro d'Alcantara, encontra-se uma mata de carvalhos e medronheiros muito formosos, conhecida, hoje, por *Mata do Vidal* e da *Menzinha* e que o sr. Fernandes entende poder ser a Mata do Lobo, por concordar com a tradição de que os lobos iam ali beber, n'uma quebrada onde a agua corre.

«de virem assistir lhe (*a Frei Agostinho da Cruz*)
 «uma cerva e uma geneta, com as quaes repar-
 «tia do pão com que se sustentava, e algumas
 «vezes, que uma queria preferir á outra no
 «pasto, e queriam mostrar a opposição dos na-
 «turaes, elle as compunha, mandando-lhes se
 «socegassem, e depois de comerem, as despe-
 «dia, e se retiravam obedientes. Costumava o
 «servo de Deus nos dias mais solemnes, vir
 «para o convento assistir a matinas, e mais
 «actos da communiidade; e estando nelle uma
 «Noite de Natal, veio a geneta procural o ao
 «seu aposento, e não o achando, seguio lhe as
 «pisadas pelo faro, até entrar dentro da clau-
 «sura. Foi sentida dos gatos, os quaes arman-
 «do-se contra ella, a mataram, de cujo successo
 «tendo ao outro dia noticia, se mostrou sentido
 «por lhe faltar aquelle pequeno allivio». (1)

Como d'esta transcripção se vê, não ha *lobos* cervaes contra quem contemos queixas, nem *feras* carnivoras que devorem montadas de padres seraphicos. Ha, apenas, uns simples gatos conventuaes e, de seu ordinario, pacificos, que, n'um dado momento, se assanharam contra uma visita importuna e d'ella deram cabo.

A victima, como a *Chronica* mostra, foi uma

(1) *Chronica da Provincia da Arrabida*, § 1179, pag. 929.

ginêta : é este, portanto, o animal de que, segundo a exegese do sr. Dr. Theophilo Braga, se servia o veneravel Frei Agostinho da Cruz nas suas excursões hippicas pela serra que vae morrer no Espichel...

Já em outro livro do insigne Professor isto mesmo se subentende :

«Como todos os poetas mysticos fraternisam «com a natureza, elle (Frei Agostinho) reprehende a corça que o visita...» (1)

Veja-se: elle reprehende só a corça, porquanto a gineta estava naturalmente destinada para mais altas cavallarias.

E, no entanto, desde Bluteau ao sr Dr. Candido de Figueiredo, não ha dictionarista algum que attribua ás *ginetas* qualidades de solipede para transporte seja de quem fôr.

Por outro lado, não me consta que a serra da Arrabida fosse, em qualquer tempo, povoada por equideos, no estado selvagem, e, embora me seja facil acreditar que (se por acaso os houvesse) a virtude d'um cenobita seria capaz de os domesticar, repugna-me a crença de que meia duzia de gatos, ainda que neditos, fossem hoste bastante a leval os de vencida...

Ginêta, em sentido hippico, é apenas uma

(1) *Estudos da Edade-Media*, pag. 170.

arte, um systema de equitação *com estribos curtos*. Em sentido zoologico, poderá ser *uma especie de doninha*; ⁽¹⁾ mas é, incontestavelmente, um *gato bravo*, pouco propicio para montada de cenobitas.

?

A interpretação das eclogas e, d'um modo geral, de todos os documentos litterarios e historicos carece d'uma agudeza de engenho que eu não possúo e de que o insigne Professor sr. Dr. Theophilo Braga dispõe, como ninguem, entre nós. O teclado exegetico da nossa mentalidade é-lhe tão familiar, como era, para Liszt, o teclado do seu piano, ou o do seu órgão para Santa Cecilia.

Estas paginas, portanto, não teem a estulta pretensão d'empanar o briho d'uma obra vastissima, embora largamente arrepiada de erros e de injustiças de toda a ordem. A sua maxima benemerencia reside em que ella constitue uma base solida de orientação litteraria — ponto de partida para a procura da Verdade. N'estes ter-

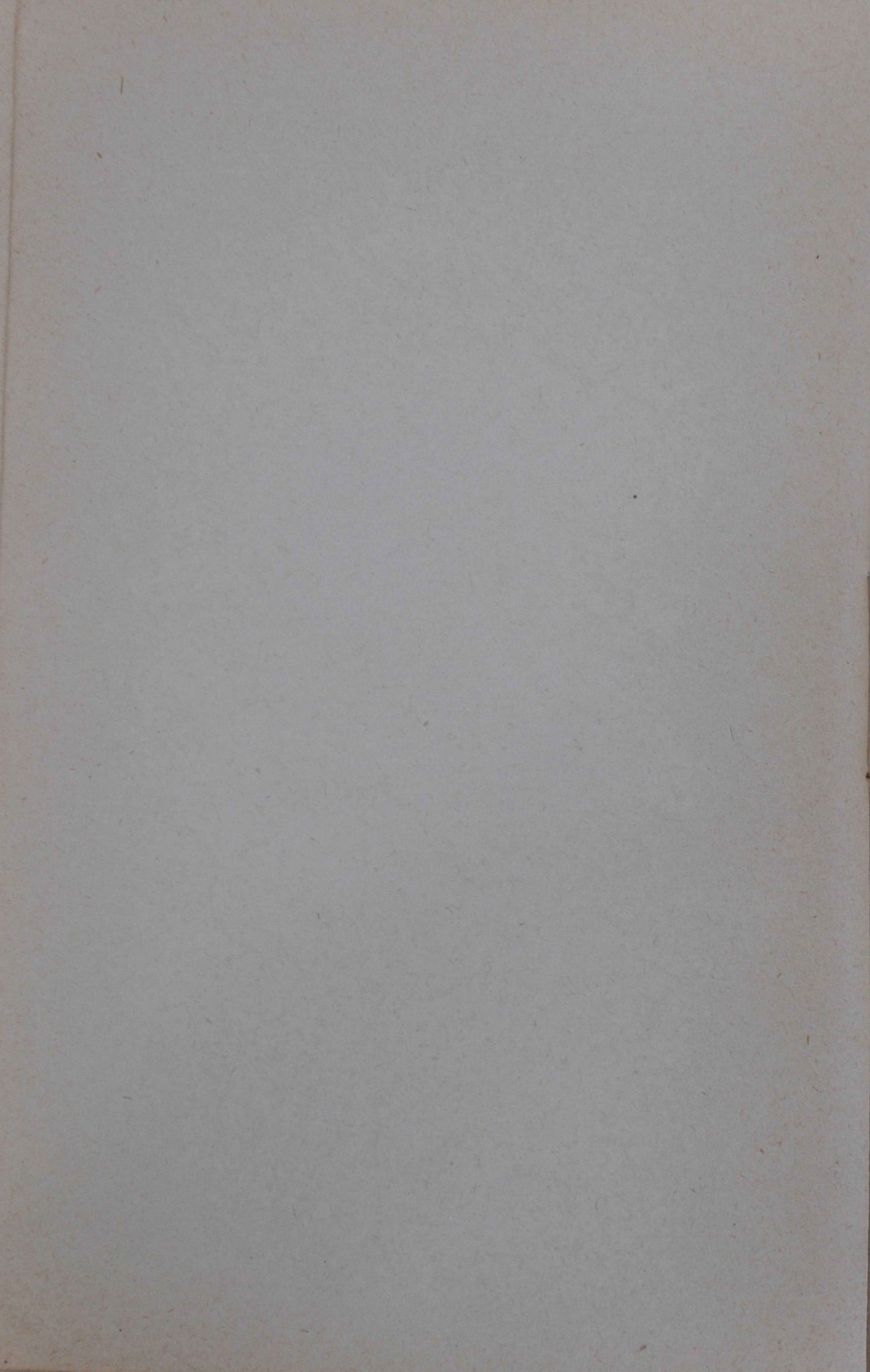
(1) *Bluteau*.

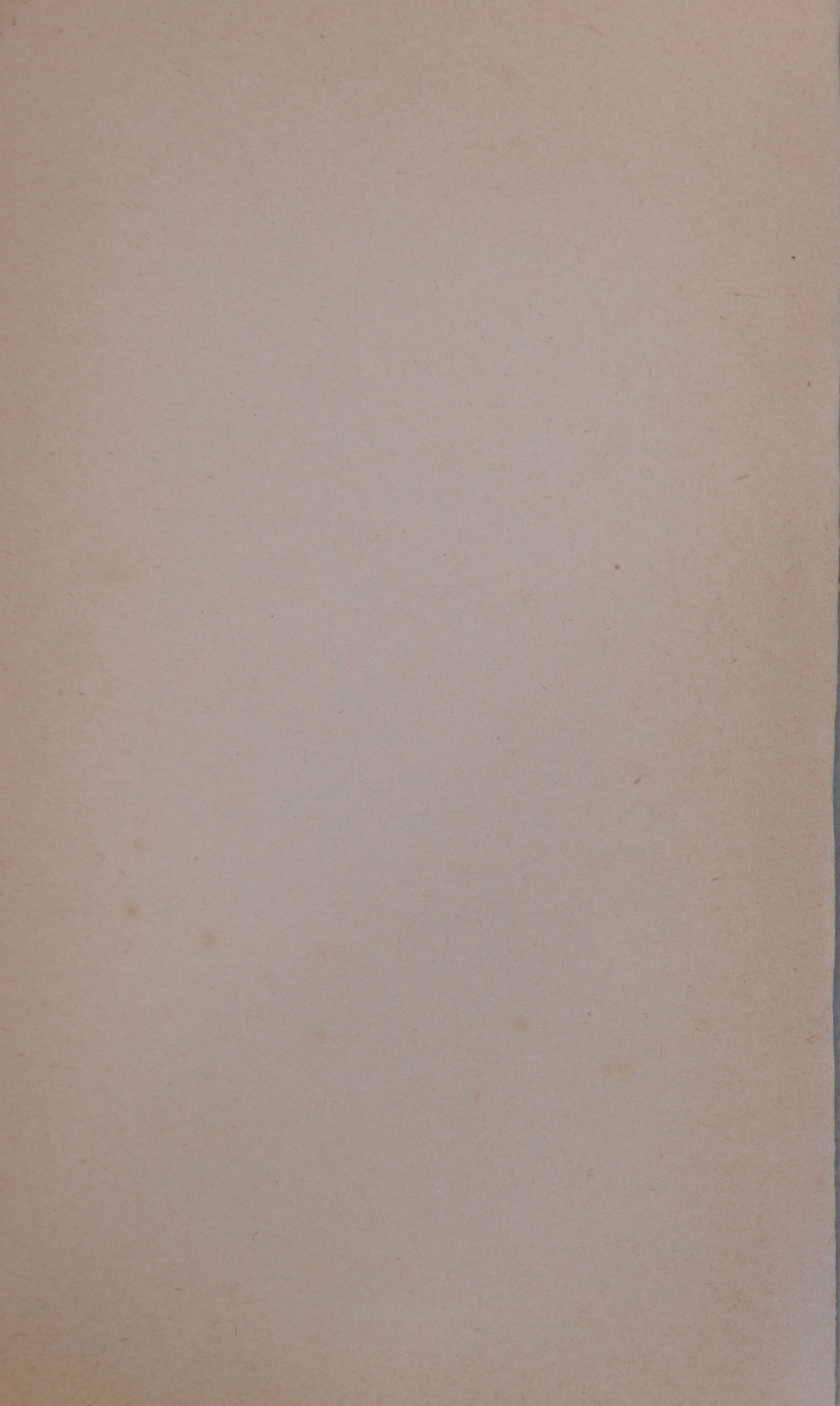
mos, os erros que contém são outros tantos elementos convidativos á analyse, são outras tantas causas de aperfeiçoamento, porque incitam a pesquisa dos estudiosos.

E' a esses estudiosos, áquelles a quem o seu saber e auctoridade impõem a patriotica missão de revestir, com musculatura apollinea, e colossal esqueleto que é a obra litteraria do sr. Dr. Theophilo Braga, que eu offereço este modesto, este quasi inutil subsidio para as suas ponderadas exegeses sobre a vida e obra d'um quinhentista illustre — o veneravel Frei Agostinho da Cruz.

INDICE

	Pag
DUAS PALAVRAS.....	5
I A naturalidade do Poeta.....	15
II A iniciação claustral.....	23
III O languor mystico.....	29
IV Como se escreve a Historia.....	43





Livraria Editora Guimarães & C.^a

Bernardim Ribeiro

TROVAS DE CRISFAL

(Carta e Ecloga de Crisfal, Sextinas, Esparsas e Cantigas)

EDIÇÃO REVISTA POR

Delfim Guimarães

1.º vol. da Bibliotheca Classica Popular. . . . 300 réis

Delfim Guimarães

BERNARDIM RIBEIRO

(O Poeta Crisfal)

1 vol. broch. 800 réis

Bernardim Ribeiro

SAUDADES

(Historia de Menina e Moça)

EDIÇÃO REVISTA POR

Delfim Guimarães

Vol. n.º 29 da Collecção Horas de Leitura . . . 200 réis

NO PRÉLO:

Sá de Miranda

VERSOS PORTUGUÊSES

Delfim Guimarães

THEÓPHILO BRAGA

E

A Lenda do Crisfal